

O POLÊMICO JORNALISTA MONTEIRO LOBATO

1 - ELIANE FREIRE DE OLIVEIRA HOFF - Pós-graduanda em Comunicação Social – UNITAU. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté – UNITAU.

2 - ROBSON BASTOS DA SILVA - Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP – Professor na Universidade de Taubaté (UNITAU) e Universidade Santa Cecília – UNISANTA – Santos.

RESUMO:

Monteiro Lobato escreveu por 52 anos em mais de duas dezenas de jornais e revistas no Brasil e exterior, vindo a se projetar nacionalmente através da Mídia Impressa. Muito se estudou da obra literária do maior autor de histórias infantis do mundo. Porém, muito pouco foi analisado sobre a sua produção jornalística. Este Trabalho pretende resgatar e provocar uma discussão sobre esse lado quase desconhecido do escritor.

INTRODUÇÃO:

Monteiro Lobato é considerado o maior escritor de literatura infantil em todo o mundo. Sua obra foi publicada aos milhões de exemplares em diversas línguas. Apenas no período de 1925 a 1950, foram vendidos mais de um milhão e meio de exemplares. Além de escritor exerceu diversas outras atividades, como: advogado, promotor, fazendeiro, editor, empresário e artista plástico.

Todas estas facetas da sua vida foram bastante divulgadas e estudadas. Porém, o Lobato **jornalista**, não recebeu a mesma atenção dos pesquisadores. Escreveu ao longo de 52 anos em mais de 20 jornais e revistas do país e exterior. Diferente do escritor, o jornalista, não possui uma análise mais aprofundada desta produção intelectual. Alguns textos estão catalogados em diversas biografias, mas não há uma obra que reúna todo o material, principalmente os artigos publicados nos pequenos jornais do interior no início da carreira. Um fato que também serviu para dificultar a catalogação da sua produção jornalística, foi a utilização de diversos pseudônimos. Entre eles estão: “Mem Bugalho Pataburro”, “Lobatoyewksy”, “Josbem”, “Edelweiss”, “Hélio Burma”, “Rodanto Cor-de-Rosa” e “Olga Lima” entre outros¹.

A importância do Lobato jornalista, é fundamental para entender a complexa personalidade do autor. Além de utilizar os jornais para divulgar suas idéias, ele também fazia o que pode se chamar hoje de “marketing”. Ele conseguiu divulgar o seu nome e atingir um objetivo maior, que era vender os seus livros. Hoje com diversos Meios de Comunicação e empresas especializadas em divulgação é uma atitude muito comum, mas no início do século, raros eram o caso de utilização de estratégias de vendas.

O Jornalista

Em 1896, com apenas 14 anos começou a colaborar no jornal estudantil **O Guarani** do Colégio Paulista, na cidade de Taubaté(SP). Em 1900 é aprovado no curso de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo.

¹ Monteiro Lobato. Vida, Realidade e Sonho. Biografia. p. 4

No mês de junho de 1903 participa da fundação do jornal **O Minarete**, um jornal semanal de Benjamin Pinheiro, que era editado em São Paulo, mas publicado em Pindamonhangaba (SP). Segundo o historiador Gilberto Martins, que realizou uma edição especial sobre o centenário do nascimento de Lobato em 1982, os leitores de Pindamonhangaba chegaram a “ter ânsia de vômito diante de tanta esquizofrenia literária. Muitos números eram devolvidos, com sermões à parte”². Ainda nesse mesmo ano, escreve para **O Povo** na cidade de Caçapava (SP).

Em 1904 forma-se e passa a escrever artigos para **O Combatente** de Oscar Breves que circula na cidade de São Paulo. Participa em um concurso de contos e ganha o prêmio com “Gens ennuyeux” que é publicado no jornal **Onze de Agosto**. No ano seguinte, Lobato se torna um crítico de arte, escrevendo no **Jornal de Taubaté**. Em 1908, traduz os artigos do jornal londrino **Weekly Times** para o diário **O Estado de S.Paulo** e escreve também para **A Tribuna** de Santos. Remete também caricaturas para a revista **Fon-Fon** no Rio de Janeiro.

Em 1914, bastante preocupado com as queimadas que tradicionalmente eram feitas nos terrenos próximo a sua fazenda Buquira, resolve escrever uma carta ao jornal **O Estado de S. Paulo**, pedindo ao secretário da “folha” que a publicasse na seção de “Queixas e Reclamações”. Porém, passados alguns dias ficou surpreso com a publicação da carta na melhor página do jornal. O matutino editou-a como sendo um texto de um colaborador. O artigo se denominava “Velha Praga”. Foi escrito em tom de desabafo e demonstrava com muito realismo os malefícios daquele hábito tão arraigado no Brasil.³ Neste mesmo ano o matutino também publica Urupês.⁴

Lobato tinha uma grande simpatia pelo **O Estado de S.Paulo**. Afirma que seu primeiro artigo para um grande jornal foi em 1913 para o **Correio Paulistano**. Explica que sua preferência pelo **O Estado S.Paulo** era devido a sua condição de opositor ao governo. Diz: “Eu também nascera na oposição, mas ou menos como aquele espanhol que desembarcou em Santos e foi logo perguntando: Há governo nesta terra? Responderam-lhe afirmativamente e o espanhol empertigou-se: ‘Pois então sou contra’”⁵.

² Lobato Boêmio. In: Centenário Monteiro Lobato. Edição Documento. p. 3

³ Gilberto Martins. “Lobato, por ele mesmo”. In: **Centenário Monteiro Lobato**. p.6.

⁴ Carta Anexa no Trabalho.

⁵ Dailor Varela. “Recado”. Monteiro Lobato, Jornalista. In: **Jornal do Vale**. São José dos Campos, 27/03/90

Segundo o jornalista Dailor Varela, escrever para Lobato, estava ligado à liberdade de pensar e agir. Ele não aceitava, nenhuma amarra para expressar o seu pensamento. Lobato explica: “Não sei escrever por força de contratos ou encomenda. E aos poucos tornei-me ‘sapo’ de redação... ‘Sapo de redação’, quer dizer o sujeito, amigo da casa, que lá comparece todas as noites, fila o café e faz daquilo o seu clube. Os sapos comentam as notícias do dia, dão palpites, tosam nos adversários e metem a ronca no próprio jornal. Por quê? Por amor à casa, pura e pia revolta pelo não introdução de melhoramentos, que a eles parecem indispensáveis”.⁶

Existe uma grande contradição entre o **jornalista Lobato**, que auto denominou-se de “sapo de redação” e o **Autor** que escreve da sua Fazenda em 1915. Segundo o livro “Furacão da Botocúndia”, “o escritor confundia-se com o jornalista. O homem de imprensa virava um publicista e ambos lançavam mão dos Meios de Comunicação da época – livro, jornal e revista”. Lobato ao falar sobre seus planos como jornalista, afirma em 1915:

“Escrevendo no **Estado** (O Estado de S.Paulo), consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a média de 2 leitores para cada exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas e ir gravando o meu nome – e isso ajuda (...) Para quem pretende vir com livro, a exposição periódica do nomezinho equivale aos bons anúncios das casas de comércio”.⁷

A visão de marketing que Monteiro tinha no início do século visando introduzir seu nome no mercado editorial era bastante ousada para a época. A pesquisadora da obra de Lobato Alice Moshiyama, explica que ele procurou melhorar as condições operacionais para promoção e propaganda do produto livro. Segundo ela, o autor “revelou-se um eficiente trabalhador intelectual para o setor”. Era um homem integrado à economia de

⁶ Idem anterior.

⁷ Carmem Azevedo e outros. **Furacão da Botocúndia**. p. 94.

mercado e por isso, um produtor de livros em série, semelhante ao seu admirado Henry Ford no mundo automobilístico.⁸

Intelectuais ligados ao O Estado de S.Paulo fundam em 1916, a **Revista do Brasil** onde Lobato passa a ser colaborador. No ano seguinte, colabora com o início da edição vespertina do Estado, chamada de **Estadinho**. O artigo tinha o título de “Mitologia Brasília”. O texto é o resultado de uma pesquisa de opinião feita com os leitores do jornal, sobre o personagem saci. Sendo um grande projeto de marketing, Lobato lança como resultado o seu primeiro livro, “O Saci-Pererê: resultado de um inquérito. Em 1917, na cidade de Caçapava surge a revista **Parahyba** onde colabora com textos, ilustrações e também passa a desenhar as capas.

Em 1917 Lobato, conheceu a pintora Anita Malfatti em um concurso que, visava promover um vasto inquérito sobre as credences populares. Para isso, realizou um seleção de arte para definir como seria “o diabinho de carapuça. Anita participou, mas não ganhou o prêmio. Lobato, mais uma vez se envolveu em uma polêmica. Na “**Revista do Brasil**” escreveu: “A sra. Malfatti também deu a sua contribuição em ismo. (...) Com todos os quadros do gênero ismo, cubismo, futurismo, impressionismo, marinetismo, está ‘hors-concours’”. Meses depois do escreveu o famoso artigo “Paranóia ou Mistificação” criticando mais uma vez a obra de Anita Malfatti. Este artigo ganhou fama de ter destruído a carreira da artista.⁹

Para o historiador Gilberto Martins, a formação intelectual de Lobato foi influenciada pelo século XIX, sendo prioritário a sua visão realista dos problemas do país. Por isso, ao criar o personagem Jeca Tatu, inspirado em um homem solteiro, magro e barrigudo de amarelão, que vivia com a mãe e passava os dias acorados no terreiro da porta da sala. Este caipira se chamava Jeca e vivia na fazenda Paraíso, situada na cidade de Tremembé – próxima de Taubaté.¹⁰

No mês de março de 1918, motivado pelos médicos sanitaristas Belisário Pena e Artur Neiva, escreve uma série de artigos sobre saúde pública no jornal **O Estado de S.Paulo**. Em um dos textos ele altera sua visão original do personagem Jeca, que passaria de indolente para vítima da falta de condições de higiene e saúde existente em

⁸ Alice Mitika Koshiyama. In: Monteiro Lobato: Ideólogo da Indústria do Livro no Brasil. Rev. Com.Artes. ECA-USP.nº 14 – pp.20 a 22.

⁹ Anita Malfatti expôs “Saci” para Lobato. In: **Folha de S.Paulo**. Ilustrada p.3 - 24/02/99.

¹⁰ Idem nota 3. **O jeca é de Pinda**. p.12

algumas regiões do Brasil. No livro *Urupês de Contos* publicado neste mesmo ano, faz uma autocrítica sobre o personagem Jeca Tatu.

Afirma:

“Eu ignorava que eras assim meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade.

Perdoa-me, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra. Os outros, que falam francês, dançam o tango, fumam havanas, e, senhoras de tudo, te mantêm nessa geena infernal para que possam a seu salvo viver vida folgada, à custa do teu dolorido trabalho, esses, meu caro Jeca Tatu, esses têm na alma todas as verminoses que tu tens no corpo. Doente por doente, antes como tu doente só do corpo...”.¹¹

Em junho de 18, adquire a **Revista do Brasil**. Com essa aquisição ele lança os primeiros passos para a criação de uma editora. No ano seguinte cria a Editora Monteiro Lobato & Cia. A empresa cresce e se transforma em uma gráfica e editora.

Lobato lança em 1921 “A onda verde, obra que reúne sua produção jornalística sobre a ascensão do café. Em 1924 monta o maior parque gráfico da América Latina. Em setembro publica na revista “**A revue de L’Amerique Latine**” o conto “A vingança da peroba” extraído do livro *Urupês*. Em 1925 em sociedade com Octales Marcondes cria a Companhia Editora Nacional.

Entusiasmado com o progresso norte-americano, publica em 1926, em **O jornal** no Rio de Janeiro vários artigos sobre Henry Ford. Em março escreve para o **Diário de São Paulo** o texto “O dualismo”. Neste artigo, o autor refere-se ao movimento modernista. Escreve: “Essa brincadeira de crianças inteligentes (...) Vai forçar-nos a uma atenta

¹¹ Alice Mitika Koshiyama. In: Monteiro Lobato: Ideólogo da Indústria do Livro no Brasil. Rev. Com.Artes. ECA-USP.nº 14 p.26.

revisão de valores e apressar o abandono de duas coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal”. Em abril começa a colaborar com o jornal **A Manhã** do Rio de Janeiro. No mês seguinte, Mário de Andrade, responde ao texto de Lobato e escreve “Post-Scriptum Pachola” fazendo o necrológio de Lobato. De setembro a outubro escreve para **A Manhã** o folhetim “O choque das raças” que é publicado em forma de livro.¹²

Em 1927 publica em **O Jornal** como folhetim o artigo “Mister Slang e o Brasil” que neste mesmo ano é lançado como livro. No ano de 1931, escreve no jornal **Tribuna do Norte** da cidade de Pindamonhangaba.

Compra de Menotti del Picchia em 1934, A agência de notícias, **União Jornalística Brasileira**. A empresa redigia e distribuía as notícias para jornais brasileiros.

Apesar de suas empresas estarem indo à falência devido as dívidas, não para de escrever. Em 1939, começa a colaborar com o jornal argentino “**La Prensa**” de Buenos Aires. No ano seguinte, o presidente Getúlio Vargas, o convida – não aceita o cargo – para dirigir o Ministério da Propaganda. Escreve em resposta uma carta onde faz críticas severas e denúncias contra o Conselho Nacional do Petróleo, acusando-o de agir a favor de empresas norte-americanas. Em dezembro a Rádio BBC de Londres, transmite o artigo de Lobato sobre o regime republicano que vigorava no país e as restrições políticas que o país atravessava.

Em 1941 é preso pelo Tribuna de Segurança Nacional. O procurador Kruehl de Moraes acusou Lobato de disseminar “doutrinas perigosas e práticas deformadoras do caráter por ter sido o criador do Sítio do Picapau Amarelo”. Por isso, o Tribunal apreendeu e destruiu os exemplares de Peter Pan (J.M.Barrie) que era uma adaptação de Lobato.

Em 1946 torna-se sócio da Editora Brasiliense embarcando logo depois para a Argentina onde funda a editorial Acteón. Em 1947, a Editorial Vitória lança o personagem Zé Brasil, uma visão reestilizada do JECA TATU. Na argentina participa ativamente da vida política local. Escreve com o pseudônimo Miguel P. Garcia e publica “La nueva Argentina” pela editora Acteón. O texto fala sobre o plano quinquenal do general Juan Domingo Perón, então presidente da república.

¹² Idem nota 1. p. 13.

No seu último ano de vida, 1948, continua a atuar de forma intensa na vida social e profissional em São Paulo. Participa da criação da revista **Fundamentos** onde são publicados seus textos: “De quem é o petróleo na Bahia” e “Georgismo e comunismo”. Em 2 de julho concede sua última entrevista para o jornalista Murilo Antunes Alves, na rádio Record. Em 4 de julho com 66 anos, na cidade de São Paulo, ¹³morre vítima de derrame.

¹³ Idem anterior. p.28.

CONSIDERAÇÕES FINAIS :

Como jornalista, Lobato agiu como um perfeito estrategista, que estava sempre preparado para discutir os problemas nacionais e contemporâneos. A agilidade necessário ao ofício jornalístico, serviu de pano de fundo para o lançamento das suas idéias inovadoras e mercadológicas. As diversas viagens ao exterior serviram para ampliar as técnicas de divulgação e criar novas perspectivas profissionais. Porém, apesar da grande sagacidade para realizar um marketing pessoal eficiente, o **jornalista** falhou como administrador e empresário. Por diversas vezes teve que recomeçar do nada, criando e recriando empresas e projetos.

Escrevia profissionalmente visando alcançar o maior número possível de leitores ou “clientes” em potencial para suas obras literárias. Em 1909, na cidade de Areias(SP), onde foi Promotor de Justiça, afirmou na ocasião: “O negócio mais importante em que eu ando às partes, é a compra por um grupo, dum jornal de S.Paulo e eu irei para o comando literário”.¹⁴

A contradição é uma constante na sua obra e personalidade. Assumia publicamente a mudança de opinião, como no caso do Jeca Tatu e o lançamento do livro “Urupês” ou a criação do personagem “Zé Brasil”. Defendia com grande veemência os

¹⁴ Idem nota 7. p92.

interesses do livre capital, mas era contra a entrada de livros importados, evocando através de diversos artigos, a criação de uma reserva de mercado para o produto nacional.

Os jornais serviam de plataforma para defender as idéias. Como homem das “Letras”, Lobato soube como ninguém utilizar desse veículo de forma que conseguiu em pouco tempo conquistar os editores e leitores dos jornais e revistas. Tinha um carinho especial pelo **O Estado de S.Paulo**, que segundo ele, fazia oposição ao governo federal. Porém, escrevia em outros periódicos, procurando disseminar suas idéias pelo país. Época esta, que não havia televisão e o rádio ainda era incipiente.

Ele soube tirar proveito desse lado profissional. Caso não tivesse acesso aos jornais, possivelmente, o escritor demoraria muito mais tempo para se tornar conhecido. Naquela época, jornalismo e literatura andavam juntas, não havendo basicamente grandes diferenças. Os jornais colocavam em destaque as grandes polêmicas, com artigos opinativos e sensacionalistas. Para Lobato, essa era a forma ideal. Polemista por natureza, encontrou neste veículo o espaço necessário para discutir e projetar suas idéias como empresário da indústria cultural e um intelectual orgânico ligado ao sistema.

Por isso, é preciso resgatar esse lado pouco conhecido e divulgado do autor. É necessário realizar um estudo sistemático da sua obra jornalística, com a finalidade de entendê-lo como um todo, pois somente desta forma será possível compreender a sua obra tão rica e vasta para a cultura nacional.

ANEXOS:

1 – “VELHA PRAGA”

Jornal **O Estado de S.Paulo** - 12 de novembro de 1914.

Autor: Monteiro Lobato.

“Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belucissimos “vons” alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico.

Em agosto, por força do excessivo prolongamento do invernon “von”Fogo”lumbeu montes e vales, sem um momento de tréguas, durante o mês inteiro.

Vieram em começos de setembro chuvinhas de apagar poeira e, breve, novo “verão de sol” se estirou por outubro adentro, dando aza a que se torrasse tudo quanto escapara à sanha de agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado aqui e acolá de manchas de verduras restingas úmidas as grotas frias, as nesgus salvas a tempo pela cautela dos aceiros. Tudo mais é crepe negro.

A hora em que escrevemos, fins de outubro, chove. Mas que chuva caminha! Que miséria d’água. Enquanto caem dos céus pingos homeopáticos, medidos a conta-gotas, o fogo, amortecido mas não dominado amoita-se insidioso nas piúcas, a fumegar imperceptivelmente, pronto para rebentar em chamas mal se limpe o céu e o sol lhe dê a mão.

Preocupa a nossa gente civilizada o conhecer em quanto fica na Europa por dia, em francos e sentimos, um soldado em guerra: mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de húmus destruídas: os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora do rio abaixo, via oceano: o rejuvenescimento florestal de solo paralisado e retrógado: a destruição de aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para pior do clima com agravamento crescente das secas; os vedos e aromados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e uma particularidades que dizem a respeito a esta ou aquela zona, e, dentro delas, a esta ou aquela situação agrícola...

Isto, bem somado, daria algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar, ninguém soma...

É peculiar de agosto, e típica, esta desastrosa queima de matas; nunca, porém, assumiu tamanha violência nem alcançou tal extensão, como neste tortíssimo 1914 que, benza-os Deus, parece aparentado de perto com o célebre ano 1.000 de macabra memória. Tudo nela se culmina, vai logo às do cubo, sem conta nem medida. As queimas não fugiram à regra.

Razão sobeja para, desta feita, encararmos a sério o problema. Do contrário a Mantiqueira será em pouco tempo todo um sapezeiro sem fim, erisipelado de samambaias – estes dois pontos finais a uberdade das terras montanhosas.

Qual a causa da recente calamidade?

É mister um rodeio para chegar lá.

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é o dos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domésticas. Poderíamos analogicamente, classificá-lo entre as variedades do “Porrigo decalvans” o parasita do couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que, onde ele assites, se vai despojando a terra da sua coma vegetal até cair em morna decrepitude nua e descalvada. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenares - seu orgulho – e grandeza, para achincalhe crescente cair em capoeira, passar desta à humildades da vassourinha e decaindo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro – sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugiando em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, o pica-pau (1) e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiro, mudo e sorna. Encosorado numa rotina de pedra, recua para adaptar-se.

É de vê-lo abordar a um sítio novo para nele armar a sua arapuca de “agregado”, nômade por força de vagos atavismos, não se liga à terra, como o compônio europeu: “agregar-se”, tal qual o “sarcoptes”, pelo tempo necessário a completa sucção da seiva vizinha; feito o que, salta para diante com a mesma bagagem com que ali chegou.

Vem do sapezeiro para criar outro. Coexistem em íntimos simbiose: sapé e caboclo são vidas associadas. Este inventou aquele e lhe dilata os domínios; em troca o sapé lhe cobre a choça e lhe fornece fachos para queimar a colméia das pobres abelhas.

Chegam silenciosamente ele e a “sarcopta” fêmea, esta com um filhote no útero, outro ao peito, outro de sete anos à aurela da saia – este já de pitinho na coba e faca à cinta. Completam o rancho um cachorro sardento – Brinquinho, a foice, a enxada, a pica-pau, o pilãozinho de sal, a panela d barro, um santo encardido, três galinhas pevas e um galo índio. Com estes simples ingredientes, o fazedor de sapezeiros perpetua a espécie e a obra de esterilização iniciada com os remotíssimos avós.

Acampam. Em três dias de choça, que por eufemismo chamam de casa, brota da terra como um urupê. Tiram tudo do lugar, os esteios, os caibros, as ripas, os barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes e a palha do teto. Tão íntima é a comunhão destas palhoças com a terra local, que dariam idéia de coisa nascida do chão por obra espontânea da natureza – se a natureza fosse capaz de criar coisas tão feias.

Barreada a casa, pendurado o santo, está lavrada a sentença de morte daquela paragem.

Começam as requisições. Com a pica-pau o caboclo limpa a flores das aves incautas. Pólvora e chumbo adquire-os vendendo palmitos no povoado vizinho. É esse um traço curioso da vida do caboclo e explica o seu largo dispêndio de pólvora; quando o palmito escasseia, raream os tireos, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as pacas; está encerrada a estação venatória.

Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo pau. Árvores diante de cujas majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derruba, impossível para extrair um mel-de-pau escondido num oco.

Pronto o roçado, e chegado o tempo de queima entre em função o isqueiro. Mas aqui o “sarcopte” se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões suficientes à circunscrição do fogo, urde traças para iludir a lei, cocando desta arte a insigne preguiça e a velha malignidade.

Foi neste momento que o viu o poeta: Cisma o caboclo à porta da cabana.

Cisma de fato, não devaneios líricos, mas jeitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um álbi demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

Onze horas.

O sol quase a pino queima como chama. Um “sarcopte” anda por ali, ressabiado. Minutos após crepita a labareda inicial, medrosa, numa louça, mas seca; oscila incerta anda ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do campo, estruge, fragorosa com infernal violência devorando os tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golfões de fumo estrelado de faíscas.

E o fogo-de-mato.

E como não o detém nenhum aceiro, este fogo invade a floresta e caminha por ela adentro, ora frouxo, nas capetingas ralas, ora maciço aos estouros nas moitas de taquaruçu; caminha sem tréguas moroso e túbio quando a noite fecha, insolente se o sol o ajuda.

E vai galgando montes em arracandas furiosas ou descendo encostas a passo lento e traiçoeiro até que o detenha a burragem natural de um rio, estrada ou grota noruega.

Barrado, inflete para os flancos, ladea o obstáculo, deixá-lo para trás, esgueira-se para aos lados – e lá continua abrasamento implacável. Amordaçado por uma chuva repentina, alapa-se nas piúcas queito e invisível para no dia seguinte o esquentar do sol, prosseguir na faina carbonizante.

Quem foi o incendiário? Donde partiu o fogo? Indaga-se, descobre-se o Nero: um erumbeva qualquer, de barba rala, umoitado num litro de terra litigiosa.

E agora? Que fazer? Processá-lo?

Não há recurso legal contra ele. A única pena possível, barata, fácil e já estabelecida como praxe, é tocá-lo.

Curioso este preceito: “ao caboclo, toca-se”

Tocar-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma galinha que vareja pela sala. E tão afeito ainda ele a isto, que é comum ouvi-lo dizer:

“Se eu fizer tal coisa o senhor não me toca?”

Justiça sumária que não pude, entretanto, dado o nomadismo do paciente.

Enquanto a mata arde o caboclo regala-se.

“Eta fogo bonito!”

No vazio de sua vida semi-selvagem em que os incidentes são um jacu abatido, uma paca fiscada n’água ou o filho novimensal, a queimada é o grande espetáculo do ano, supremo regalo dos olhos e dos ouvidos.

Entretanto setembro, começo das “águas”, o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção é nenhum diante dos males que, para preparar uma quanta de chão, ele semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinquenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. “Dando para passar fome” sem virem a morrer disso, ele, mulher e o cachorro está muito bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole enpanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro”.

2- JORNAIS QUE TIVERAM A COLABORAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

TÍTULO	CIDADE e ESTADO	ANO DE INÍCIO
1 – O Guarani -	Taubaté -SP	1896
2 - O Minarete -	Pindamonhangaba SP –	1903
3 – O Povo -	Caçapava – SP –	1903
4 - O Combatente.	São Paulo – SP	1904
5 – Onze de Agosto –	– São Paulo – SP	1904
6 - Jornal de Taubaté –	– Taubaté – SP	1904
7 – O Estado de S.Paulo –	– São Paulo – SP	1908
8 – Revista Fon-Fon –	– Rio de Janeiro (RJ)	1908
9 – A Tribuna -	Santos – SP	1908
10 – Correio Paulistano	São Paulo – SP –	1913
11 - A Cigarra	– São Paulo (SP) –	1913
12 – Revista Parahyba	Caçapava – SP –	1916
13 – Revista do Brasil –	São Paulo – SP	1916

14 - O Estadinho	- São Paulo – SP –	1917
15 – Revista Revue de L’Amérique Latine –		1924
16 – O Jornal –	Rio de Janeiro - RJ –	1926
17 – Diário de São Paulo	São Paulo - SP	1926
18 – A manhã	– Rio de Janeiro- RJ	1926
19– Tribuna do Norte –	Pindamonhangaba – SP -	1931
20 - Agência de Notícias União Jornalística Brasileira–	– São Paulo – SP	1934
21 - La Prensa —	Buenos Aires - Argentina	1939
22 – Jornal de São Paulo	– São Paulo – SP	1946
23 Revista Fundamentos	São Paulo – SP –	1948

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Carmem Lúcia, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta. **Monteiro Lobato.**

Furacão na Botocúndia. São Paulo: Senac, 1997.

BASTOS, Alípio Benedicto. **Apontamentos históricos e genealógicos de Caçapava.**

Caçapava: 1955.

GIOLO, Pedro. **A imprensa em Taubaté.** Taubaté.

Grandes Personagens da Nossa História. Monteiro Lobato. Nº 51.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Monteiro Lobato: Ideólogo da Indústria do Livro no Brasil.

In: Revista Comunicação e Artes. São Paulo- ECA-USP. Nº 14 -1985.

LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas.** São Paulo: Brasiliense, 1951.

Jornais:

Folha de S.Paulo. In: Folha Ilustrada. 24/02/99.

LOBATO, Monteiro. Zé Brasil. In: Hoje. 2/02/1948.

Martins, Gilberto. Centenário da Morte de Moneiro Lobato. Edição Documento. Taubaté, 1982.

Varela, Dailor. “Recado” In: Monteiro Lobato, Jornalista. Jornal do Vale. São José dos Campos, 27/3/90.

Internet

<http://www.lobato.com.br/biblio.htm>

<http://www.lobato.com.br/vida.htm>.

